

VIP

EXAME

Com seus projetos exóticos, **Cláudio Bernardes**, filho do célebre Sérgio Bernardes, torna-se o arquiteto preferido dos que têm dinheiro, estilo ou ambos



EDIÇÃO 124 - ANO 14 - Nº 8
AGOSTO/1995 - R\$ 3,50

VIAGENS

O radicalismo chique de São Francisco e o agosto festeiro de Bali

GESTÃO PESSOAL

Sorria: você é um cidadão globalizado

EXCLUSIVO

Como 16 bilhões de reais foram surrupiados do Banespa

LITORAL

A hora de comprar e agora

O construtor de sonhos

ISSN 0104-737X



00124>

9 770104 737003

O inventor de espaços

Jardins suspensos nos tetos, chão que jorra água, mansões sobre palafitas: com sua prancheta subversiva, Cláudio Bernardes vai se tornando o arquiteto mais cobiçado pelos que gostam de morar (muito) bem

Por FÁBIO ALTMAN

ORIO DE JANEIRO não é apenas bonito por natureza — muitas de suas maravilhas, encravadas na montanha ou à beira-mar, nasceram das mãos do homem. Algumas, recentes, das pranchetas de um único homem, o arquiteto Cláudio Bernardes. Discreto e lacônico, ele define assim sua atividade: “Faço casas com amor”. E ninguém parece estranhar essa tirada aparentemente romântica. Seu escritório, usina do bem viver, é o mais procurado da cidade. Os 25 funcionários que ocupam a bela casa e ateliê de design na Barra da Tijuca tocam, hoje, sessenta projetos simultâneos. Bernardes já contabiliza mais de 860 projetos executados ao longo de sua carreira — pena que parte dos seus detalhados desenhos tenha sido consumida por uma praga de cupim que avançou em seu antigo escritório, na Villa Maurina, a mansão onde viveu a condessa Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro, até sua morte, em 1983.

É de Bernardes a ampliação em 420 metros quadrados da residência de veraneio do doutor Roberto Marinho em Angra dos Reis, realizada em tempo recorde, com noventa operários batendo estacas. Dele, também, é a casa de José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, vice-presidente de opera-

ções da Rede Globo, a casa dos Nascimento Brito, proprietários do *Jornal do Brasil*, e a decoração do restaurante Guimas, um dos mais agitados pontos de encontro da moçada carioca hoje em dia. Em São Paulo, onde começou a ingressar recentemente, está construindo a residência de Jorge Paulo Lemann, o capitão do grupo Garantia, e fez as casas de Marcel Telles, um dos diretores da Brahma, e do empresário José Roberto Lorenzetti, na cidade de Lençóis Paulista, no interior do Estado.

No início de agosto um de seus projetos poderá ser visto na Rua Gabriel Monteiro da Silva, na capital paulista: uma filial da loja de móveis de jardim House Garden. Com entusiasmo juvenil, Cláudio celebrava no início de julho os preparativos de abertura da loja. “Quando o tapume desceu, os motoristas que passavam em frente chegaram a parar para ver a obra”, conta. “Teve até engarrafamento.” São Paulo, para Cláudio Bernardes, é um troféu de guerra — um território onde ele imaginava ser impossível penetrar. Não foi. Para evitar ser mal recebido pelos arquitetos paulistas — a velha e boba cizânia entre as duas cidades — ele carrega em sua pasta uma pedra de cristal, destas que o escritor

esotérico Paulo Coelho recomenda para afastar o mau-olhado. “É uma precaução”, diz.

Cláudio, que abandonou a faculdade no 4º semestre irritado com o que chama de “comportamento autoritário” dos professores, tem sangue de arquiteto nas veias. Ele é filho de um dos mitos da arquitetura brasileira, o grande sonhador da régua e do compasso Sérgio Bernardes, hoje com 76 anos. Cego de um olho (vítima de um acidente cirúrgico, quando fazia uma operação de catarata), ele também se conserva ativo. Reserva o tempo para o que gosta: bolações arquitetônicas. As idéias de Sérgio, o *Bernardão*, como o chama o filho, parecem querer contrariar uma frase de Chico Buarque de Holanda, para quem “nem toda loucura é genial e nem toda lucidez é careta”.

NO CASO DE SÉRGIO, MISTO DE filósofo e projetista, há genialidade e lucidez em todas as suas maluquices. Atualmente, ele desenvolve um “modelo planetário de organização do espaço brasileiro”: escrutou todos os grandes rios do país e seus afluentes e separou o Brasil em dezessete ilhas fluviais cercadas por água doce. Desenhando um protótipo de embarcação adequado a rios profundos e rasos, e assegura, por A mais B, que esse sistema de transportes é o mais econômico para o país. Há alguns anos, desenvolveu o Lago Ocean – nome pelo qual ele intitula a marina entre as praias de Ipanema e Leblon. O projeto prevê a construção de uma estrutura de 150 000 metros quadrados em pleno mar, no ponto em que deságua o canal do Jardim de Alá, trazendo ao oceano as águas da Lagoa Rodrigo de Freitas. Entre o Pão de Açúcar e o Morro da Viração, imaginou uma cidade encravada nas vigas de um viaduto, que se chamaria Atlântida.

São projetos visionários, com escassas chances de saírem do papel. Mas isso não o incomoda. “O importante, para mim, é a hora em que estou criando”, define. Bernardes, pai, também faz parte da história do design brasileiro com os móveis que bolou nos anos 60, como a “poltrona rampa” e a “poltrona rede” – a “poltrona rampa” é um



CASA DA FOTO

Suas casas são confortáveis e ecológicas, capazes de ter nós de fibra, telhado de palha e madeira bruta

móvel que se molda de acordo com o peso do corpo, e a “rede” é uma rede sustentada num único ponto no teto ou numa viga.

Ao lado de seu xará, Sérgio Rodrigues, que desenhava o mobiliário da célebre Oca, Bernardes fez a arte do bom desenho ingressar nas salas brasileiras. Afável, é destes homens com quem é possível ficar horas conversando, de uma conversa tão boa que parece ter nascido em Minas Gerais. Carioca da gema, considera a arquitetura apenas como uma forma – a melhor – de tornar a vida do homem na terra mais agradável. “Ele é a pessoa com a mais completa visão do século XXI que já vi”, resume o filho Cláudio.

Já o século XX, este em que vive-

mos, desenha-se nas pranchetas de Cláudio em residências do Rio de Janeiro, São Paulo e Angra dos Reis, onde até mansões sobre palafitas ele construiu. Agora é a vez do pai pontificar sobre o filho: “Todo arquiteto é intérprete dos sonhos de seus clientes”, diz Sérgio. “E Cláudio faz isso como ninguém.” No lar dos Bernardes, a vocação para a arquitetura se tornou solução de vida. Um dos primeiros trabalhos de Cláudio, ainda adolescente, foi mexer numa casa construída pelo pai. Era a mesma em que a família tinha vivido, no alto da Avenida Niemeyer, no Morro do Vidigal, e que foi mais tarde vendida para João Roberto Marinho, atual vice-presidente das Organizações Globo.

Como a casa já tinha sido alterada por outros moradores e perdera sua qualidade original, Cláudio foi ao pai para saber o que fazer: “Por mim, pode demolir”, ele disse ao filho, que seguiu o conselho a seu modo e acabou fazendo uma segunda casa sobre a primeira. Para João Roberto Marinho, que vive ali entre muita madeira e vegetação, uma das marcas registradas do trabalho de Cláudio Bernardes, a residência é de autoria de ambos, pai e filho. “Manteve-se a base feita de pedras, do Sérgio, e o Cláudio a reformou”, afirma Marinho. Com esse toque de materiais naturais, Cláudio vem se afirmando como o arquiteto que consegue criar lares ao mesmo tempo ecológicos e confortáveis.

A história fecha seu ciclo na saga dos Bernardes. Assim como Cláudio cimentou seu primeiro tijolo manipulando um desenho do pai, Thiago, de 20 anos, o neto de Sérgio e filho do meio de Cláudio, também está estreando na arquitetura, trabalhando num projeto paterno. Cláudio foi contratado pelo empresário Miguel Pires Gonçalves, filho do ex-ministro do Exército Leônidas Pires Gonçalves, para reformular uma casa comprada ao cineasta Waltinho Moreira Salles, no Alto da Gávea. Missão complicada. A residência é uma das prediletas de Cláudio. Há nela a luz do sol que por trás de feixes de metal cria um fabuloso reflexo no chão de madeira. A casa é ampla em espaços e quase mini-

malista nos detalhes. Vê-se a piscina e, ao fundo, o mar. Pires Gonçalves, de gosto diferente do de Waltinho, prefere um lar menos *clean* – e Thiago, o jovem Bernardes, tímido como poucos, está quebrando a cabeça para resolver esse problema. “Eu e meu sócio só iremos mostrar o projeto a meu pai depois de pronto”, diz ele. “É evidente que tudo o que sei aprendi com ele, por isso agora preciso alçar vôo próprio.” Repete-se exatamente o que aconteceu com Cláudio quando o velho Sérgio um dia o chamou e disse: “Agora vá fazer a sua própria viagem”.

DO PAI, CLÁUDIO BERNARDES herdou a necessária dose de ousadia estética que faz de algumas construções obras únicas. Para a residência de um magnata italiano em Monte Carlo, ele desenhou um banheiro com piso de vidro, que se enchia de água ao toque de um botão – transformando todo o piso numa espécie de piscina infantil, que batia na canela dos usuários. Na piscina, instalou uma psicodélica lente zoom. Na casa de João Roberto Marinho decidiu cobrir o teto de água e ali colocar cardumes de sardinhas e cações. A água está ali, e quando o vento sopra a casa parece tremer, mas os peixes acabaram vetados pelo dono. Na residência dos Nascimento Brito, quis cobrir o teto de grama. E ainda teve a ousadia de erguer sua primeira casa própria, em Angra dos Reis, de minúsculos 36 metros quadrados, um de seus primeiros trabalhos, voltada para a montanha e não para o maravilhoso mar. “Eram os beija-flores que me acordavam de manhã”, lembra. “Aprendi com meu pai que todo projeto de arquitetura é como o corpo humano – é importante que o interior seja agradável, que tudo nele circule bem para que o organismo funcione.”

Cláudio, arquiteto da moda, circula com desenvoltura por todos os flancos da sociedade carioca. A agenda de seu escritório tem M, de Roberto Marinho, mas começa em A, de Castor de Andrade, o patrono do jogo do bicho carioca. Numa manhã de junho do ano passado, Cláudio atravessou os portões da Polinter, a Polícia Interstadual do Rio de Janeiro, levando



Fecha-se o ciclo na saga dos Bernardes: a casa que Cláudio fez para Waltinho Moreira Salles (nas duas fotos acima), onde a luz do sol trespassa feixes de metal e da piscina vê-se o mar, será reformada pelo filho Thiago para o novo proprietário, Miguel Pires Gonçalves. Ao lado, a casa de Cláudio em Angra dos Reis: ripas de madeira e paredes de um azul vivo



na mão direita uma pasta de couro. Dentro dela havia uma papelada para que Castor rubricasse – era o contrato de construção da casa que o bicheiro, a partir do xilindró onde está recolhido, quer erguer para sua primeira mulher, Dona Vilma, na Ilha Grande, próximo de Angra dos Reis. Vilma quer porque quer uma mesa em forma de banana e a cama em forma de ma-

çã. O arquiteto irá desenhá-las? “Claro que sim”, esclarece. “E eu lá vou brigar com o Castor?”

Sem diploma de arquitetura – quem assina os projetos do escritório é o sócio Paulo Jacobsen, com quem trabalha há vinte anos –, Cláudio Bernardes faz parte de uma escola de arquitetos que, não tendo aprendido a calcular estruturas, cercam-se do que há de



LUIS GARRIDO



**Palafita em Angra dos Reis:
elegância e simplicidade**

melhor no mercado. Jacobsen, que visita as obras e administra a logística do escritório, faz parte desse time de parceiros sábios. Em seus primeiros tempos de arquitetura, quando começou a construir sua atual e magnífica casa de Angra dos Reis (dez vezes o tamanho daquela voltada para os beija-flores), com ripas de madeira bruta, amarrações de fibra, telhado de palha, banheiros e paredes em azul muito vivo, Cláudio se fez acompanhar de um mestre-de-obras, seu Manuel Pereira, homem simples, destes que aprendem no cotidiano. “Comíamos gambá e ele me enganava, dizendo que era galinha”, lembra. “Foi o Manuel quem me ensinou o significado de cumeeira e sapata.” Cláudio é assim: aprendeu com Manuel, mas também não esquece da forte impressão que lhe deixou o legendário suíço Le Corbusier quando visitou seu pai.

UM PROJETO ASSINADO PELO ESCRITÓRIO de Cláudio Bernardes – algumas vezes imaginado na cama, antes do sono, e rabiscado num providencial bloco de papel pousado na cabeceira – não é coisa de outro mundo. Ele cobra 10% do valor total da obra. Estima-se que uma construção alcance 600 reais por metro quadrado de área útil. Tendo como base estas cifras, uma residência de 500 metros quadrados representaria 30 000 reais para o arquiteto. Como demonstração de que não trabalham apenas com cifras estratosféricas, Cláudio e Jacobsen lembram que até construíram a casa de uma mãe-de-santo no Rio de Janeiro. “Muitos imaginam que só os muito ricos podem contratar nossos serviços, mas isso não é verdade”, diz Jacobsen, que divide

com Cláudio não apenas o escritório mas também a profunda irritação com o mesmo professor da faculdade, um tal de Aristides, que cismava em dar notas baixas, tendendo ao zero. Por causa dele, a dupla abandonou a Universidade Santa Úrsula.

Os Bernardes são iguais num ponto: a simplicidade. O pai, Sérgio, não possui um único terno. O filho, Thiago, anda só de jeans. Cláudio, na pior das hipóteses, coloca um blazer. Seus hábitos também são despreocupados. Fu-

**“Todo arquiteto
deve ser intérprete
dos sonhos de
seus clientes”,
diz o pai.
“Cláudio faz isso
como ninguém”**

ma dois maços de Marlboro por dia, embora não se desligue também de uma bombinha contra asma. Adora caipirinha, MPB (em especial João Gilberto e Caetano Veloso) e sobretudo automóveis, preferencialmente dirigidos em alta velocidade (acaba de trocar seu BMW por um Citroën).

A família é tão afável e convincente que Sérgio, certa vez, teve sua casa assaltada e na base da conversa convenceu o bandido a só levar as peças que ele não gostava e presentes de casamento de mau gosto. “Rapaz, leva essa escultura aqui que eu acho horrível, embora os parentes da minha esposa gostem muito.” O ladrão acabou amigo de Sérgio Bernardes, que termi-

nou por empregá-lo num curtume. Cláudio, nos finais de semana, se diverte com a família em Angra dos Reis, em longos almoços capitaneados por sua mulher, a jornalista Bebel, e ao lado dos três filhos: além de Thiago, o casal tem Olívia, de 21 anos, e Antonia, de 18. Olívia está passando uma temporada em Paris, onde faz o legendário curso de culinária do Cordon Bleu (Paris, aliás, é uma lembrança agradável de Cláudio, que em seus 20 anos correu para lá atrás de uma namorada e deu de frente com as manifestações estudantis de maio de 1968 – “não me interessava por política, só queria namorar”).

Nesta época, no final dos anos 60, seu pai seguia o caminho da polêmica – enquanto todos os arquitetos eram “de esquerda”, Sérgio aceitou trabalhar “para o governo militar”, como se rotulava à época. Lúcio Costa, o parceiro de Oscar Niemeyer em Brasília, chegou a enviar um telegrama para o velho Bernardes depois da construção de um monumento à bandeira nacional. No telegrama, Costa escreveu apenas duas palavras: “Meus pesames”. Sérgio foi patrulhado ideologicamente, colocado à margem dos grandes projetos. Esse tempo passou. A arquitetura, como aconteceu em todos os setores da sociedade, já não precisa fazer opções. A prova? Cláudio Bernardes pode estar debruçado ao mesmo tempo sobre os croquis da casa da mãe-de-santo e de um banqueiro. A família Bernardes, nota-se, vive para realizar, na prática, uma frase do arquiteto inglês Ralph Erskine: “O trabalho de erguer edifícios ajuda nas relações humanas: a arquitetura deve facilitá-las e não fazê-las pior”. ●